

A PLURALIDADE DE VOZES NO ROMANCE CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA, DE LÚCIO CARDOSO

Mayara Costa Pinheiro (IFRN)
mayara.pinheiro@ifrn.edu.br

Introdução

Este trabalho faz parte das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “A pluralidade de vozes da narrativa: um estudo sobre os narradores dos romances *Salgueiro*, *A luz no subsolo* e *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso” que está na fase inicial de análise do *corpus*.

Especificamente neste trabalho, propomos analisar a categoria do narrador no romance *Crônica da casa assassinada* (1959) numa abordagem dialética do texto literário, levando em consideração como os aspectos estéticos e estruturais da obra dialogam com o seu contexto social de produção. Dentre os narradores do romance, selecionamos a personagem/narradora Betty, a governanta da casa dos Meneses, para através dela analisarmos como ela percebe a si mesma e os demais integrantes da família Meneses por meio de seu diário, no qual há relatos sobre o auge econômico dessa família e de sua decadência.

Para desenvolver esta análise utilizaremos o conceito de “plurilinguismo social” proposto por Mikhail Bakhtin na obra *Questões sobre literatura e estética: a teoria do romance*, as considerações de Theodor Adorno no ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo” acerca da voz narrativa nos romances do século XX e os aspectos sobre a categoria do “narrador-testemunha”, proposto por Norman Friedman no ensaio “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”.

No que diz respeito ao “plurilinguismo social”, tentaremos perceber como o discurso da personagem/narradora Betty está imbricado e é resultado de diversos fatores como sua ocupação profissional, a época histórica em que ela viveu e a camada social da qual fez parte; sobre as considerações de Adorno, procuraremos descrever como o discurso do diário de Betty é construído através da técnica do monólogo interior e da forte presença do subjetivismo nas vozes presentes na narrativa; e sobre o conceito de “narrador-testemunha”, observaremos o modo de perceber os fatos dessa categoria de narrador, no qual o discurso da narradora Betty se caracteriza.

Este artigo está dividido em duas seções. Na primeira seção, “*Crônica da casa assassinada*: a narrativa em que ecoam várias vozes”, faremos uma caracterização estrutural do romance, mostrando a divisão de suas partes, os gêneros textuais presentes no decorrer da narrativa e uma síntese do enredo. Na segunda seção, “‘Diário de Betty’: o diário da governanta da casa dos Meneses”, desenvolveremos a análise da perspectiva acerca da narrativa da personagem/narradora Betty, seguindo o referencial teórico mencionado.

1. *Crônica da casa assassinada*: a narrativa em que ecoam várias vozes

A obra *Crônica da casa assassinada* não é dividida em partes, como é comum encontrarmos nos demais romances do próprio Lúcio Cardoso. *Crônica...* é estruturada em diversos gêneros tais como diários, cartas, narrativas, confissões, depoimentos, livro de memórias e pós-escritos que são entremeados durante o romance. Em cada um desses textos, os personagens apresentam a sua respectiva voz sobre a “Chácara dos Meneses”. Os personagens, que em sua maioria são também narradores, realizam durante o desenrolar da trama uma espécie de desconstrução da chácara, pois cada um deles apresenta a sua perspectiva sobre o mesmo fato: a decadência da família mineira Meneses, que tem como ponto crucial o casamento de Valdo Meneses com Nina, uma meretriz do Rio de Janeiro. Essa

família metaforiza a decadência do patriarcalismo que estava em decadência no Brasil no final da primeira metade e no início da segunda metade do século XX.

André, Nina, Valdo Meneses, Aurélio (o farmacêutico), Betty (a governanta), Dr. Villaça (o médico), Ana (esposa de Demétrio), o Coronel, Padre Justino e Timóteo Meneses são os personagens que também são narradores da história do romance, enquanto que Demétrio, o irmão primogênito da família Meneses e Alberto (o jardineiro) praticamente não tem voz no decorrer da obra.

Neste artigo, dedicar-nos-emos a visão da personagem Betty acerca de si mesma e sobre os outros personagens da obra, especificamente no “Diário de Betty” em que ela tem direito a voz na narrativa. O “Diário de Betty” é dividido em cinco partes no decorrer do romance que aparecem numeradas de I a V em algarismos romanos e correspondem respectivamente aos números 4, 9, 12, 23 e 34 dentre as 56 partes nas quais é dividido o romance *Crônica...* Destas cinco partes do diário, enfocaremos as três primeiras, por acreditarmos serem elas as partes em que o leitor consegue abstrair através do discurso de Betty uma caracterização do passado da família Meneses e a contraposição com o seu presente de ruínas. Mas sempre que necessário citaremos trechos da parte IV e V do diário.

2. “Diário de Betty”: o diário da governanta da casa dos Meneses

O Diário de Betty I, que corresponde à parte 4 do romance, é dividida entre os dias 19 e 21, mas sem ser atribuído qualquer mês ou ano, assim como nas demais partes. Seguindo a sequência, temos o Diário de Betty II, parte 9 e dias 5, 7 e 8, provavelmente do mês seguinte da parte I; Diário de Betty III, parte 12, que indica apenas o dia 13 e dois indicativos sem data (s/d); Diário de Betty IV, parte 23, dias 26, 27, 28, nessa parte há um salto significativo na cronologia da história, pois nesse intervalo Nina fica grávida e dá a luz a um menino chamado André; e finalmente a última parte, Diário de Betty V, parte 34 da obra, na qual há apenas o dia 3 e mais um indicativo de s/d, mas sem menção de mês ou ano como nas demais partes.

No Diário I, Betty fala que Nina deveria chegar naquele dia 19, mas a esposa de Valdo acabou enviando um telegrama dizendo que só chegaria no dia seguinte. Para receber Nina ocorreu uma pequena arrumação na casa que ressaltou o antigo luxo do domicílio coberto pela poeira:

Durante todo o tempo que durou a arrumação – arrastamos móveis, sacudimos almofadas, descobrimos velhos objetos colocados fora de uso, e que no entanto transmitiam à casa uma impressão de luxo discreto – mostrou-se ele [Valdo] extraordinariamente vivo alegre.” (CARDOSO, 2002, p.52)

Betty também comenta a preocupação de Valdo se Nina iria entender a posição dela na casa:

Disse-me que não prestasse muita atenção, se Dona Nina não entendesse desde o começo qual era a minha posição perante a família, mesmo porque não era fácil a um recém-chegado adivinhar que eu não fazia parte da criadagem, e guardava uma situação distinta, de governanta, desde os tempos em que sua mãe era viva. (p.52)

Com essa fala Betty, informa-nos que prestava serviços na casa da família Meneses uma geração anterior a atual da narrativa em questão, compreendida pelos irmãos Demétrio, Timóteo e Valdo, pois serviu a mãe deles. Mais a frente, quando Timóteo fala da existência de

uma parenta antepassada, a Maria Sinhá, conseguimos ter uma ideia de quando Betty começa a trabalhar na casa da família:

- Sou dominado pelo espírito de Maria Sinhá. Você nunca ouviu falar em Maria Sinhá, Betty?
- Nunca, Sr. Timóteo. Não se esqueça que estou nesta casa há poucos anos. Além do mais, falar não é o forte da família.
- [...]
- Quem foi então Maria Sinhá?
- [...] Era tia de minha mãe, e foi o assombro de sua época. (p. 54)

No trecho citado acima, também percebemos na fala de Betty que ela nos mostra mais uma característica do Meneses: “Além do mais, falar não é o forte da família”. Esse aspecto de reclusão em si mesmo havia sido mencionado anteriormente por Betty quando Valdo corre para o quarto ao receber o telegrama de Nina dizendo que só viria no dia seguinte: “Mas é um modo particular dessa família, o de evidenciar quando alguma coisa não corre bem, refugiando-se nos quartos.” (p.52-53)

Se Nina iria chegar no dia 20, Betty só registra a chegada da patroa no dia 21, pois o primeiro almoço da família com a esposa de Valdo à mesa é marcado pela exposição das ruínas da chácara dos Meneses, como podemos observar na fala de Demétrio dirigindo-se a Valdo:

- Não vê? Pois olha, você sabe muito bem o que representamos: uma família arruinada do Sul de Minas, que não tem mais gado em seus pastos, que vive de alugar esses pastos quando eles não estão secos, e não produz nada, absolutamente nada para substituir rendas que se esgotaram há muito [...]" (p.63)
- Devemos aos empregados todos, à farmácia, ao banco do povoado [...] (p.65)

A partir da fala de Demétrio, transcrita por Betty, descobrimos a atividade da criação de gado desenvolvida pela família no passado, além do aspecto da ruína no momento da narrativa expressa pela necessidade de alugar os pastos e pelas diversas dívidas.

No Diário II, quando Betty indaga sobre a bagagem de Nina, na qual havia muitos vestidos e capas, a governanta informa que raramente havia um baile ou uma festa na cidade de Vila Velha, e que as poucas reuniões que aconteciam eram organizadas pelo Barão e a família não participava porque Demétrio não queria. Ao ouvir isso Nina fica chateada e diz: “Eu não quero viver segundo o sistema do Sr. Demétrio”, disse Nina (p.112)

Através do discurso de Betty ficamos sabendo quem é Demétrio e que ele é o mais velho dos irmãos: “[...] O Sr. Demétrio, que era mais velho do que o Sr. Valdo, e sempre estivera à testa dos negócios, por incompetência ou indiferença deste, perderia todo o direito à Chácara, já que por sua vez não possuía nenhum herdeiro [...].” (p.67)

Após essa caracterização sobre a família nas partes I e II do seu diário, Betty começa a falar de si mesma na parte III de seu diário e demonstra a sua primeira impressão sobre a família ao chegar a casa: “Eu mesma, quando aqui cheguei, lutei muito – e custava a acreditar que seres normais pudessem viver tão completamente isolados do resto do mundo.” (p.135) No diário IV, quando Valdo tenta descobrir através de Betty o que estava acontecendo com André, o filho dele com Nina, percebemos mais uma vez a reflexão de Betty sobre a sua existência, através da técnica do monólogo anterior:

- Betty, que se passa, que há com meu filho?
- Havíamos atingido o ponto justo, e aquilo que existia dentro de mim, sem nome ainda, mas flutuando esparso como uma nuvem aos pedaços,

concentrou-se de repente, adquiriu forma, nome, e eu estremei, sem ousar encarar de frente aquela suspeita que se confirmava. Por um momento pensei em fugir, em escapar à intolerável pressão daqueles sentimentos que não imiscuir-me em coisas que deveriam pesar tão decisivamente sobre o destino de pessoas sobre quem jamais deveria sequer elevar a vista? Mas o Sr. Valdo, adivinhando o que se passava comigo, tocou-me no braço, sacudiu-me:

– Betty! Betty! (p.237)

Sobre essa técnica do monólogo interior, Theodor W. Adorno no ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo” apresenta aspectos concernentes a esse tipo de técnica, utilizado por Betty para representar o seu próprio fluxo de consciência, como podemos perceber na citação anterior. Sobre essa técnica Adorno afirma que o personagem/narrador:

parece fundar um espaço interior que lhe poupa o passo em falso no mundo estranho [...] Imperceptivelmente, o mundo é puxado para esse espaço interior – atribuiu-se à técnica o nome de *monologue intérieur* – e qualquer coisa que se desenrole no exterior é apresentada da mesma maneira [...] (ADORNO, 2003, p.59).

Do estudo de Adorno também utilizamos o conceito de “distância estética”, para mostrar a variável distância a qual o narrador do romance moderno conduz o leitor na narrativa, como é o caso de Betty, que ora observa seus próprios pensamentos, ora volta-se para observar o que lhe está externo, como no trecho a seguir, da parte III do diário, numa conversa entre Betty e Nina, na qual a governanta incentivava Nina a passear pela chácara e não ficar trancada dentro de um quarto, podemos conhecer pelo menos parte da constituição física da chácara dos Meneses:

Enumerei, procurando convencê-la, os recantos mais pitorescos: o cemitério dos pretos (e por um momento, dançaram-me diante dos olhos os montes de terra, as cruzes toscas, muitas já tombadas, com datas antigas e nomes tão peculiares [...] a Cachoeira do Fundão e, se quisesse ir mais longe, as ruínas da fazenda da Serra do Baú. [...] Os canteiros antigos, alinhados até o portão da entrada (muitos deles, cercados de garrafas vazias emborcadas) [...]. Deu um dos lados da Chácara, por trás do Pavilhão de madeira, corria um regato [...]. Esse regato ou “córrego era o mesmo que alimentava o moinho de fubá da antiga fazenda do Baú [...] (p.136)

Por meio da curiosidade de Nina para saber sobre a fazenda do Baú, surge no Diário de Betty mais uma descrição da propriedade dos Meneses:

– Que fazenda é essa, Betty? Por que você não me conta a sua história?

– Era a antiga propriedade dos Meneses – esclareci.

[...]

– Mostre-me onde fica.

– Daqui se vê apenas a ponta da serra – é aquela aba que vai azulando lá para o fundo. Por trás – está vendo um risco negro, mais afastado ainda? – é a Serra dos Macacos. Dizem que há lá uma colônia de ciganos, mas nunca vi nenhum.

– E nunca ninguém vai daqueles lados?

Movi a cabeça:

– Quase nunca. [...] (p.136)

Nessa descrição das antigas terras dos Meneses, Betty rememora um momento em que a mãe dos irmãos Meneses era viva:

[...] Quando se fazia presépio em casa – e isto no tempo em que era a viva a mãe do sr. Valdo – ia-se lá [na Fazenda do Baú] a cavalo, procurar musgo, parasitas e barbas-de-pau. Mas agora...

Aos poucos, fui contando o que sabia, o prestígio da velha fazenda no Município, seus senhores, que mantinham casa aberta nas cidades de Leopoldina, de Ubá, e outras mais próximas – e mais tarde o loteamento de suas terras, e morte de Maria Sinhá. (p.137)

Nessa fala de Betty percebemos que os verbos no passado indicam que o prestígio da família não permanecia no presente, que era algo na história. Também é citado o nome de duas cidades reais do estado de Minas Gerais que são Leopoldina e Ubá, mas Vila Velha, a cidade onde fica localizada a Chácara dos Meneses, não se tem conhecimento de nenhuma uma cidade com esse nome em Minas Gerais. Há os registros apenas da Vila Velha localizada no estado do Espírito Santo e a cidade de “Livramento de Nossa Senhora”, no estado da Bahia, que já foi chamada de Vila Velha.

Na última citação, Betty toca no nome de uma integrante de gerações anteriores da família a chamada Maria Sinhá que apareceu pela 1ª vez na fala de Timóteo ao conversar com a própria Betty no Diário I. Desta vez, Maria Sinhá desperta o interesse de Nina e através da fala de Betty conhecemos mais detalhes sobre a antepassada da família Meneses. Betty em seguida menciona a existência de um retrato de Maria Sinhá no porão: “No porão, junto ao quarto da preta Anastácia, havia um retrato dela.” (p.137) Com essa menção Nina ficou ainda mais curiosa e disse: “Queria vê-lo, este retrato!” (p.137) E Betty marca com Nina ao entardecer daquele dia para irem ao porão.

Depois do dia 13, no Diário III, aparece uma parte s/d (sem data), na qual Betty faz uma espécie de justificativa do motivo pelo qual ela escreve o diário: “Anoto esses esclarecimentos para que mais tarde, se houver necessidade, possa me lembrar de tudo.” (p.138). Essa anotação metalinguística nos dá uma ideia do motivo pelo qual ela escreve esse diário, mas ainda paira a dúvida acerca do real motivo pelo qual Betty procura registrar esses fatos.

A visita de Betty e Nina ao porão da casa dos Meneses, guiada pela negra Anastácia, é uma redescoberta do passado da família:

Avançamos devagar, e Anastácia acendeu uma pequena lâmpada suspensa do teto. Na meia claridade que se fez, vimos objetos amontoados pelos cantos, e eu reconheci alguns, entre eles os móveis que em vida haviam pertencido à mãe do Sr.Valdo. Eram armários grandes, com portas despencadas, cômodas e tamboretas baixos. Havia também um genuflexório, com o veludo rasgado, deixando à mostra o enchimento de paina. (p.138)

Ao chegaram finalmente ao quadro com o retrato de Maria Sinhá, outra revelação acontece:

Anastácia arrastou o quadro para debaixo da luz e esfregou um pano sobre sua superfície – devagar, como se emergisse do fundo parado de uma lagoa, a fisionomia foi surgindo, e à medida que os traços iam se revelando, mais fortemente batiam os nossos corações como se violássemos um segredo que para sempre devesse dormir na escuridão do passado. Era um rosto de mulher, não havia dúvida, mas tão severo, tão fechado sobre suas próprias emoções, tão definitivamente ausente de cogitações imediatas e mesquinhas,

que mais se assemelhavam ao rosto de um homem – e de um homem totalmente desiludido das vaidades deste mundo. [...] Não se tratava propriamente de uma mulher velha, mas de uma mulher atirada ao limiar de si mesma, e sem outra vestimenta para cingi-la senão da própria verdade, perigosa ou não em seus causticantes efeitos. [...] Ah, não nos era uma fisionomia desconhecida, ao contrário, e de imediato nos fez vir à lembrança alguém que conhecíamos muito – um nariz aquilino e forte, um rasgado de olhos, a linha do queixo – enfim traços perdidos sobre o rosto de todos os Meneses, alterados aqui ou ali – e mais evidentes neste, menos preciso naquele – mas ainda assim Meneses, como fios de água descendentes da mesma fonte-mãe, célula única de todas as energias e de todos os característicos da família. (p.138-139)

Na outra parte, também sem data (s/d), Betty comenta o exílio que Nina sente na Chácara e lembra de quando ela mesma chegou a chácara e como se sentiu:

Lembrei-me de mim mesma, assim que chegara, sufocada pelo excesso de folhagem que havia em torno – e os dias que passei, procurando adaptar-me àquele sistema de vida, tão diferente do meu. E eu não tinha a instabilidade de Dona Nina, sua febre, seus motivos particulares. (p.139)

Seguindo a proposta de Norman Friedman (2002), Betty seria um narrador da categoria “eu – testemunha”, pois ela narra fatos dos quais ela não é protagonista, mas esteve presente. Para Friedman, “o narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito dentro da história, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa” (p. 175-176)

Esse tipo de narrador não tem acesso à mente das demais personagens, ele atua como um mero observador dos fatos. Mas ele tem a possibilidade de conversar com todas as demais personagens da história e obter o ponto de vista de cada um delas acerca dos acontecimentos, desse modo mesmo numa posição periférica o narrador-testemunha pode ter uma visão relativamente ampla e não tão restrita como se espera. No caso de Betty, ela registra em seu diário as conversas, principalmente, com as personagens Timóteo, Nina e Valdo, além de relatar conversas das quais ela presenciou durante a sua atividade como governanta, como no primeiro almoço da família com a presença de Nina:

De costas, eu fingia que preparava os pratos para a sobremesa – já que aquele era um dia excepcional e, entre outras funções, nos dias excepcionais eu assumia as de copeira. Portanto, não vi qual era a expressão do rosto do Sr. Demétrio, mas ouvi de novo o seu riso, desta vez contido pelo guardanapo que passava nos lábios.

– Exagero, não é? Disse. – Então será fácil explicar por que não enviou a Nina o dinheiro que ela esperava... bem como o motivo por que não mandou pintar o quarto onde ela irá viver, e que é apenas um quarto de fundo de corredor.[...] (p. 64)

Friedman ainda ressalta que esse tipo de narrador pode “fazer inferências do que os outros estão sentindo e o que estão pensando” (FRIEDMAN, 2002, p.176). Como é o caso do relato da primeira conversa entre Timóteo e Nina, na qual Betty faz inferências acerca dos atos e pensamentos de Timóteo:

Havia segurança em sua voz e, durante um minuto, pensei que talvez ele tivesse razão, e que atitude do outro, habitualmente tão reservada, poderia na verdade conter certa dose de perfídia. Que pretendia ele, por que mandara

buscar champanha? Que espécie de aliança era aquela que pretendia estabelecer com a recém-chegada? E revii o quarto, o ambiente morno, as evoluções do Timóteo diante de mim. (p.116-117)

Através do trecho citado, Betty além de ser uma narradora, também é personagem da história, mas uma personagem particular, na medida em que ela se apresenta na narrativa por meio de sua “autoconsciência” de si mesma e de sua “consciência sobre o mundo”, seguindo a perspectiva de Bakhtin no estudo *Problemas da poética de Dostoievski*:

não são os traços da realidade – da própria personagem e de sua ambiência – que constituem aqueles elementos dos quais se forma a imagem da personagem, mas o valor de tais traços para *ela mesma*, para sua autoconsciência.” (BAKHTIN, 1997, p.47, grifo do autor)

Nessa concepção, não é ao narrador tradicional que caracteriza as personagens, mas as personagens que se autocaracterizam a partir da sua própria consciência sobre si mesma e sobre o mundo em que vivem, por isso Bakhtin (1997, p.47) diz que: “Dostoiévski não representa o ‘funcionário pobre’ mas a autoconsciência do funcionário pobre” .

Considerando o romance “como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal.” (1988, p. 73) e composto por um grupo de cinco “unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidas a leis estilísticas distintas.” (1988, p.73). Consideramos *Crônica...* um romance em aparecem duas das cinco unidades estilísticas: “estilizações de diversas formas da narrativa (escrita) semiliterária tradicional (cartas, diários, etc.)” e “os discursos dos personagens estilisticamente individualizados”. (BAKHTIN, 1988, p.74). Pois em seu romance Lúcio Cardoso priorizou a construção não em capítulos, mas em diferentes gêneros que reunidos [mostram a perspectiva individualizada do personagem sobre ele mesmo e sobre os temas sociais presentes na narrativa.

No caso de Betty, temos o seu discurso exposto em um diário íntimo e além desses gêneros a voz de cada uma das personagens/narradoras são estilisticamente individualizadas, o que confere o mesmo grau de importância a cada uma delas.

Além do caráter pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal do romance, também há a presença do plurilinguismo social que permite ao leitor conhecer diversas perspectivas sobre um mesmo objeto de acordo com a ocupação profissional do personagem, a época histórica em que ele viveu, a sua idade e a camada social da qual faz parte que influenciam significativamente no seu modo de enxergar o mundo. E cabe ao romancista “orquestrar” essa variedade de vozes através do “plano único do romance” (BAKHTIN, 1988, p.99).

Outro fator a ser considerado na análise dos narradores é salientar o momento social e histórico no qual o personagem/narrador está inserido e perceber a influência que esse contexto provoca no modo dele enxergar o mundo:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 1988, p.86)

Por isso, a importância de se levar em consideração o contexto da vida de cada personagem e o seu peculiar ponto de vista de perceber um fato. No caso de Betty, uma mulher que viveu entre a passagem do século XIX e XX, ela viveu o auge e a decadência de um sistema social e econômico que foi o patriarcalismo no Brasil. E a sua posição enquanto

moradora da casa dos Meneses, mas sem ser um ente da família, confere um ângulo distinto, acerca da família, daquele percebido pelos seus próprios integrantes.

Conclusão

Ao fim deste trabalho concluímos que é importante ir além da classificação do tipo de narrador presente em uma narrativa, pois o melhor a se fazer é perceber as implicações que esse tipo de narrador provoca na narrativa observando os efeitos que a sua posição periférica ou central fornece ao leitor. É salutar também perceber as consequências que os fatores como a ocupação profissional, a idade, a época histórica em que ele viveu e a camada social da qual o narrador faz parte acarretam no seu modo de enxergar o mundo e a si mesmo.

No caso da personagem/narradora Betty, percebemos no decorrer desse artigo que através de seu próprio discurso conhecemos quem ela é, como ela se percebe no mundo e a visão dela sobre o contexto no qual ela esteve inserida. Sendo assim, nota-se que no romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, não há aquela figura do narrador onisciente tradicional, que conhece tudo acerca da narrativa, e que inclusive tem acesso aos pensamentos das personagens. Os vários tipos de narrador, utilizados nesse romance para retratar a decadência da família Meneses, conferem um tom maior de realidade se comparado às situações de nossa vida real em que um mesmo fato, presenciado por pessoas diferentes, será descrito de maneira distinta por cada uma delas, pois há diversos fatores, os quais citamos acima, que influenciam no modo de cada um enxergar a si mesmo e mundo.

Ao visitar a fortuna crítica acerca do romance *Crônica...* percebemos que há apenas um trabalho que se dedica a aprofundar um estudo acerca da categoria narrador nas obras de Lúcio Cardoso: *A constituição do narrador na ficção de Lúcio Cardoso* (1987), produzida por José Américo de Miranda Barros. Mas o autor não elege como seu *corpus* apenas o romance *Crônica...*, mas todos os romances, novelas de Lúcio Cardoso e um de seus diários. Desse modo, devido a extensão do *corpus*, Barros não se aprofunda nos diversos personagens/narradores de *Crônica...*, faz apenas uma sucinta menção aos tipos de narradores. Sendo assim, salientamos a importância da realização desse trabalho que é parte do projeto em andamento “A pluralidade de vozes da narrativa: um estudo sobre os narradores dos romances *Salgueiro*, *A luz no subsolo* e *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso” e esperamos contribuir ainda mais para a fortuna crítica sobre a obra deste autor.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 4 ed. São Paulo: Editora UNESP; Hucitec, 1988, p. 71-133.
- BARROS, José Américo de Miranda. *A constituição do narrador na ficção de Lúcio Cardoso*. 1987. 218 p. Dissertação de Mestrado. (Pós-graduação em Estudos literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da Casa Assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*. São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.